

Nos meados da década de 60, Antônio Carlos Neves escrevia, dirigia teatro e filmava curtas-metragens em Vitória, depois de uma temporada em São Paulo, ele foi para a Europa, onde ficou seis anos e estudou teatro, cinema e televisão. No ano passado voltou ao Brasil e agora está em Vitória, dirigindo a peça "O Inspetor Geral", de Nikolai Gogol, que estreia nesta quinta-feira no Teatro Carlos Gomes.

Toninho Neves reformou com muitos planos e uma considerável bagagem de conhecimentos artísticos adquiridos no estrangeiro e também no Rio de Janeiro. Ele próprio relembra:

— Em 1965, entrei na Universidade de Brasília para fazer um curso de cinema, que era orientado por Nelson Pereira dos Santos, Paulo Emílio Salles Gomes e Jean-Claude Bernardet, e chegamos a fazer um documentário, dirigido por Nelson, chamado "Fala Brasília". Mas a Universidade fechou no fim daquele ano e ficamos sem escola e por ideia da gente, como a vida da gente era fazer cinema, cada um começou a procurar o que fazer. Eu parti para São Paulo, fui fazer teatro, trabalhei na TV Record como camera-men e ao mesmo tempo pleiteei uma bolsa de estudos para a Europa. Antes, porém, voltei a Vitória, em 1966, e reuni um grupo de pessoas — Zélia Stein, Cláudio Lachini, Sheila Bandeira, Leila Del Caro, Milson Henriques, Alcides Vasconcelos, José Augusto Loureiro, Rogério Mello, Tião de Oliveira, Arlindo, Afonso Abreu, e criamos um teatro de arena, o grupo Geração.

O grupo montou "Arena Conta Zumbi" (67) e "Juventude de Raiva e Amor" (68), ambas dirigidas por Antônio Carlos Neves e a segunda também escrita por ele.

— Foi mais ou menos o início de uma época boa de teatro aqui, porque naquela época não havia quase nada de teatro. A partir disso, foi um sucesso muito bom, começou a surgir realmente um grupo interessado em teatro. Por exemplo, Milson Henriques ainda não havia feito nada de teatro, em termos de cultura. Ele apenas trabalhava, cantava no coral São Luiz, e a partir da peça ele começou a trabalhar em teatro e a se dedicar mais. "Arena Conta Zumbi" foi realmente a primeira peça apresentada pelo grupo Geração. Nós tínhamos ensaiado duas peças minhas, "José da Silva em Confidência Agora" e "Acorda Meu Gigante Acorda, que Estão Levando Seu Ouro Embora", que não foram apresentadas por determinados problemas que surgiram. Uma era sobre Tiradentes e a outra abrangia vários períodos da História do Brasil e analisava mais ou menos o nosso problema social e político. O teatro de arena ficava no Colégio Brasileiro de Vitória e nós o cedemos para outros grupos apresentarem peças, inclusive para os de São Paulo, Lindolfo Bell e uma

"O teatro e o cinema racionais não me interessam em nada. Eu prefiro trabalhar mais através da emoção, não transmitir a mensagem que se quer por meios, cerebrais, mas através da emoção. Você informa muito mais ao público através da emoção".

equipe de poetas paulistas que fez apresentações ali. Para mim, foi um período realmente muito bom de teatro, de experiência. De todos nós, ninguém tinha experiência de teatro naquela época. Havia era entusiasmo, realmente, gostava desse tipo de coisa.

Na mesma época, Toninho Neves realizou dois curtas-metragens, que enviou para o Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil. Um foi representando o Espírito Santo e alcançou a finalíssima; o segundo, representando a Guanabara, ganhou o prêmio de melhor fotografia.

— Foi um período realmente muito bom porque foi mais um período de experiência. Tudo que nós fizemos naquela época foi na base da intuição.

A seguir, Toninho foi para o Rio de Janeiro e de lá para a Europa, estudando em academia de cinema e aumentando seus conhecimentos teatrais:

—Voltei este ano para Vitória e comecei a trabalhar para reunir o pessoal que ainda estava aqui, a fim de reerguer o grupo Geração. Desse grupo, ficaram em Vitória somente 3, quatro comigo: Alcides Vasconcelos, Milson Henriques e José Augusto



ANTÔNIO CARLOS NEVES

"Teatro e cinema racionais já não me interessam"

Entrevista a Annie Cicatelli

Texto de Edvaldo dos Anjos



"Arena Conta Zumbi", em 1967, inaugurou o Teatro de Arena de Vitória.



"Alto a La Agression" foi um dos muitos curtas-metragens dirigidos por A.C. Neves em Vitória.



Em 1967, Antônio Carlos Neves dirigiu um musical, "Arena Conta Zumbi", que inaugurou o Teatro de Arena de Vitória e deu um novo alento ao teatro capixaba. Foi o início de um movimento artístico que logo se estendeu ao cinema, com a realização de vários curtas-metragens. Depois que um desses filmes, "Veia Partida" recebeu o prêmio de "melhor fotografia" no Festival JB, Antônio Carlos Neves conseguiu uma bolsa de estudos e foi para a Academia de Artes Cinematográficas de Moscou, onde ficou oito anos. De volta a Vitória, decidiu reerguer o Grupo Geração, iniciando a montagem da comédia "O Inspetor Geral", que estreia nesta quinta-feira no Teatro Carlos Gomes.

de dificuldades e com a escola ainda haveria dificuldades, claro, menores, mas iriam surgir. Acho que quem tem talento e capacidade de trabalhar não deve ficar parado. Eu ainda acho o seguinte e para se melhorar a condição do teatro em Vitória, a fundação deveria criar um grupo que unisse todos os outros e não continuasse essa desunião, porque não existe grupo Geração, não existe grupo fulano de tal, o que existe são pessoas interessadas em fazer teatro em Vitória, apesar de existir aqui uma tendência da crítica, por exemplo, de malhar tudo que é feito em Vitória. Então se você tem já todos os outros problemas, tem ainda de lutar contra a crítica, que tem problemas de briguinta

E se a Fundação Cultural criasse um grupo em que todos os atores não pertencessem a determinados grupos, mas que existissem vários grupos dentro do maior, então não haveria rivalidade entre atores. Um ator trabalharia nessa peça esta semana e trabalharia em outra na semana seguinte, porque haveria um rodízio de peças, haveria um movimento contínuo de teatro aqui em Vitória. Por exemplo, do mesmo grupo, três atores ensaiariam uma peça hoje e paralelamente mais cinco atores ensaiariam outra e os atores se revezariam nas peças. Então acabaria a rivalidade, daria condições para você criar toda semana uma peça. O pessoal quer ver teatro, está interessado. Vitória tem teatro, cinema e acabou. Então se a Fundação criasse um grupo teatral às custas dela, em que unisse todos os grupos, todo mundo trabalharia conjuntamente, haveria uma união. O ideal seria absorver todos os grupos e fazer um único. E cada semana, vamos supor, ou duas vezes por semana, várias peças seriam apresentadas.

Antônio Carlos Neves defende a criação de um teatro de arena em Vitória, o que evitaria o problema de só se ter o Carlos Gomes como única e cobijada opção:

— Acho indispensável que a Fundação, o mais urgente possível, crie um teatro de arena, porque para nós o ideal seria fazer uma peça no teatro de arena, depois de "O Inspetor Geral". Não sei onde vou conseguir, mas tenho que conseguir. Inclusive, estou com duas peças em vista. Se escolher uma dessas, será só para teatro de arena, a outra não, seria no Carlos Gomes.

Antônio Carlos se volta agora para outro assunto: o dramaturgo. Afirma:

— Acho que o autor capixaba tem o direito de apresentar o tipo de peça que lhe interesse, principalmente o estilo. Milson,

"O que acho errado é o que acontece atualmente no cinema nacional. A ideia fixa em explorar o sexo, onde o nudismo é visto não através de uma situação cômica, mas em cima de uma gozação sobre o homem, sobre as fraquezas humanas. Agora, o fato do público se divertir com uma comédia leve não tem nada de errado. Você não pode obrigar o público a gostar só de drama ou teatro de contestação, político".

por exemplo, gosta muito do estilo mais de chanchada, mas não digo chanchada no termo pejorativo, porque infelizmente, depois da pornochanchada no cinema, começaram a colocar chanchada no sentido mais pejorativo. Não me refiro a isso, e a nossa peça também tem uma certa chanchada, estilo meio chanchada, mas não neste sentido de palhaçada. E Milson gosta de um tipo de coisa e acho que é problema de cada autor, cada um tem seu estilo. Tem muitas coisas nesta peça que eu gosto, tem outras que eu acho que estão um pouco falhas e tudo mais. Mas, eu admiro demais o Milson, como autor eu não posso dizer muito, porque muita pouca coisa eu vi dele, mas admiro demais como ator, ele é um ator realmente de muitas possibilidades, um ator ilimitado. A coisa mais difícil num ator é justamente a limitação, porque existem atores que só encaixam em determinados tipos, determinada escola de interpretação. Milson não, é um ator muito aberto, ele pode fazer um drama, assim como imediatamente

ARQUIVO PÚBLICO ESPÍRITO SANTO